



Ambivalências

Revista do Grupo de Estudos e Pesquisa Processos Identitários e Poder - UFS

O FEMININO ANCESTRAL E SUA POTÊNCIA NO PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA – PNSC

THE FEMALE ANCESTRAL AND HER POWER IN THE SERRA DA CAPIVARA NATIONAL PARK – PNSC

LA FEMENINA ANCESTRAL Y SU PODER EN EL PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA - PNSC

Michel Justamand¹

Ana Cristina Alves Balbino²

Gabriel F. de Oliveira³

Vitor José Rampaneli de Almeida⁴

Ana Caldeiras⁵

Gabriela Rabello⁶

 10.21665/2318-3888.v9n18p16-45

RESUMO

Este artigo é sobre as possibilidades da apreensão das mais diversas atividades femininas realizadas ancestralmente, registradas nas artes rupestres, em especial, as pinturas. Feitas dentro ou na região do entorno do Parque Nacional Serra da Capivara, no sudoeste do estado do Piauí, Brasil. A partir de trabalhos de campo realizados por equipe interdisciplinar, entre 2003 e 2018. Nessas investidas a campo se registraram cenas de

¹ Doutor em Ciências Sociais/Antropologia (PUC/SP); Professor Associado II do Departamento de História da Arte (UNIFESP/Campus Guarulhos), e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA da Universidade Federal do Amazonas – UFAM. ORCID: orcid.org/0000-0001-6944-5890E-mail: micheljustamand@yahoo.com.br.

² Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP; Professora do Curso de Pedagogia EAD da Universidade Paulista – UNIP/SP e de História do Ensino Fundamental e Média da Rede Pública Estadual de São Paulo – SEDUC/SP. ORCID: orcid.org/0000-0003-3172-7942. E-mail: balbinoana@yahoo.com.br.

³ Doutor em Arqueologia pela Universidade Federal de Sergipe – UFS; Docente da Secretaria de Educação do Estado do Piauí – SEDUC/PI. ORCID: orcid.org/0000-0003-3528-2944. E-mail: gfrechiani@hotmail.com.

⁴ Doutorando em Planejamento e Gestão de Territórios – Universidade Federal do ABC/UFABC; Docente no Centro Universitário FECAP. ORCID: orcid.org/0000-0001-8470-2672. E-mail: vitor.almeida@ufabc.edu.br.

⁵ Graduanda em História pela Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP. ORCID: orcid.org/0000-0002-3842-2597. E-mail: ana.caldeiras@unifesp.br.

⁶ Graduanda em Letras-Português pela Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP. ORCID: orcid.org/0000-0001-6064-4623. E-mail: gabriela.p.rabello@gmail.com.

parto, sexo, afazeres cotidianos entre outras ações, possivelmente, efetuadas por representações do feminino, nas rochas da região.

Palavras-chave: Feminino. Pinturas Rupestres. Afazeres Cotidianos. Parque Nacional Serra da Capivara-PNSC. Piauí.

ABSTRACT

This article is about the possibilities of apprehending the most diverse feminine activities carried out ancestrally, registered in the rock arts, in particular, the paintings. Made in or around the Serra da Capivara National Park, in the southwest of the state of Piauí, Brazil. Based on fieldwork carried out by an interdisciplinary team, between 2003 and 2018. In these field visits, scenes of childbirth, sex, daily tasks were recorded, among other actions, possibly carried out by representations of the female, in the rocks of the region.

Keywords: Feminine. Rock Paintings. Daily Tasks. Serra da Capivara National Park-SCNP. Piauí.

RESUMEN

Este artículo trata sobre las posibilidades de aprehender las más diversas actividades femeninas realizadas ancestralmente, registradas en las artes rupestres, en particular, la pintura. Elaborado en o alrededor del Parque Nacional Serra da Capivara, en el suroeste del estado de Piauí, Brasil. Con base en un trabajo de campo realizado por un equipo interdisciplinario, entre 2003 y 2018. En estas visitas de campo se registraron en las rocas de la región escenas de parto, sexo, quehaceres diarios, entre otras acciones, posiblemente realizadas por representaciones de la hembra.

Palabras clave: Femenino. Pinturas rupestres. Tareas diárias. Parque Nacional Serra da Capivara-PNSC. Piauí.

Introdução

Inúmeras pesquisas científicas, notadamente arqueológicas, têm ocorrido nas áreas adjacentes ao Parque Nacional Serra da Capivara – PNSC e no município de São Raimundo Nonato, no estado do Piauí. Os estudos em tese, tiveram início graças à preocupação dos moradores em entender o que significavam as cenas rupestres plasmadas nas rochas de seu entorno. Conheciam-nas há muito tempo, mas foi somente nos anos 60 do século XX que esses vestígios foram apresentados aos especialistas técnicos e arqueólogos/os do Museu Paulista – localizado no bairro do Ipiranga, na cidade de São Paulo. Niède Guidon foi a primeira especialista a tomar conhecimento dos vestígios do PNSC, no museu.

Desde o primeiro momento, Guidon se interessou por aprofundar e conhecer melhor a região, em especial seus “monumentos” arqueológicos, as artes rupestres (pinturas e gravuras), que passariam a ser objetos de sua tese de doutorado e de livre docência sem esquecer, é claro, dos inúmeros artigos e capítulos de livro que publicou ao longo de sua vida.

A região do sudoeste piauiense, em especial o PNSC, também foi assunto de pesquisas de campo, artigos científicos, dissertações, teses e tantos outros trabalhos desenvolvidos por numerosas/os pesquisadoras/es que passaram pela mesma região. O parque foi, posteriormente, reconhecido como patrimônio da humanidade pela UNESCO, demonstrando, dessa forma, sua importância para o reconhecimento do passado brasileiro e humano.

Partindo da premissa de que houve história muito antes de 1500 na região e no país, as pinturas rupestres do sudoeste do Piauí foram reveladas, reconhecidas e apresentadas ao mundo acadêmico científico e a partir desse conhecimento e de suas respectivas hipóteses⁷. Passou-se, dessa forma, a estudar com maior profundidade os sítios arqueológicos. Alguns já há muito tempo conhecidos pelos habitantes da região. Depois

⁷OLIVEIRA, Gabriel; JUSTAMAND, Michel e FUNARI, Pedro Paulo A. Uma história do povoamento do continente americano pelos seres humanos. A odisséia dos primeiros habitantes do Piauí. São Paulo: Alexa Cultural, Manaus: EDUA, 2019.

outros tantos foram “encontrados”. Graças à quantidade de sítios e de vestígios ancestrais se fizeram necessárias prospecções e escavações em muitos desses locais.

O fato de serem inúmeros sítios – contam-se mais de 1300 – justificava, por si só, as pesquisas intensificadas na região⁸. Para ali, dirigiram-se os mais diversos especialistas de todas as áreas: humanas, exatas e biológicas⁹, construindo um conhecimento, sobre as produções e vestígios arqueológicos, interdisciplinar. Os pesquisadores de Química e Física, por exemplo, contribuíram com as datações dos vestígios humanos nos sítios arqueológicos da região, sendo que, em especial, estão Boqueirão da Pedra Furada – BPF, onde tem sido gerada a maior polêmica da Arqueologia da América: a questão das *Origens dos Humanos no Continente*.

No local se encontra a sequência mais antiga da presença humana na região e também a do país, o BPF é o sítio arqueológico que revelou a maior quantidade de vestígios científicos significativos com datações muito elevadas, algumas podendo chegar a mais de 50 mil anos ou mais, gerando, claro, muita discussão¹⁰. Evidente que em todos os casos encontramos divergências e desacordos sobre os vestígios e suas datações, ainda mais quando envolvem questões externas às acadêmicas¹¹, como infelizmente parece ser o caso do BPF e da região do sudoeste piauiense.

Os vestígios rupestres, em especial, são encontrados hoje em mais de 900 sítios além dos citados dentro do parque. As pinturas apresentam um infinito número de cenas de

⁸OLIVEIRA, Gabriel F. e JUSTAMAND, Michel. Reflexões acerca da arte rupestre no Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí, Brasil: reminiscências de uma história da tradição nordeste de pinturas rupestres. Revista Atek Na, vol. 5, p. 125-147, 2015.

⁹BUCO, Cristiane de Andrade; OLIVEIRA, Gabriel Frechiani de; JUSTAMAND, Michel; ALMEIDA, Vitor José Rampaneli de; GOMES FILHO, Antoniel dos Santos; BELARMINO, Vanessa da Silva. O papel das mulheres ancestrais nas pinturas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara-PI, Brasil. Revista Memória em Rede, Pelotas, v.12, n.23, jul/dez. p. 245-273, 2020.

¹⁰JUSTAMAND, Michel. As mulheres ancestrais. Representações do feminino nas pinturas rupestres de São Raimundo Nonato – PI. SOMANLU – Revista de Estudos Amazônicos, ANO 18, nº 2, jul./dez., p. 67-84, 2018.

¹¹GOSDEN, Chris. Pré-história. Trad. Janaína Marcoantonio. Porto Alegre: LPM, 2012, p. 71.

representações do cotidiano, como as da sexualidade¹², amamentação, lutas¹³, guerras¹⁴, geométricas, relações sociais¹⁵, malabarismos, danças, rituais, partos e ou do, supostamente, feminino¹⁶.

As cenas de representação do feminino são as que abordaremos nesse estudo. Não podemos deixar de citar a história a que tais imagens estão associadas, como vestígios e nem que os grupos produtores têm seus “representantes”, descendentes dos povos ancestrais, ou como temos chamado de povos originários, em luta nacional e internacionalmente, inclusive, por suas terras, heranças culturais e direitos.

Há trabalhos iniciados, já nos anos 70, do século XX, na região piauiense de São Raimundo Nonato e cidades adjacentes. Entre as maiores preocupações da FUMDHAM – Fundação Museu do Homem Americano, que tem contribuído e coordenado a maioria dos trabalhos realizados na região, está a manutenção e a preservação dos vestígios arqueológicos.

A fundação tem, ainda, como objetivo fundamental registrar que tudo isso, ao nosso modesto ver, existiu e está grafado nas rochas do parque. Registrar na História do país que o que se fez ali foi parte de uma história muito maior, faz parte da história humana, construída pelos nossos ancestrais e que nos foi legada como herança sociocultural. Não podemos deixar de valorizar, cultuar, refletir e inferir sobre.

¹²JUSTAMAND, M.; COLLING, L.; OLIVEIRA, G. F.; GOMES FILHO, A. S.; BELARMINO, V. S. Representações de relações sociais e sexuais entre pessoas do mesmo sexo nas cenas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara-Piauí. *Revista Nordestina de História do Brasil*, v. 1, p. 92-105, 2019.

¹³PAIVA, Leandro. *Luta corporal na pré-história: Ensaio antropológico e histórico*. 1. ed. São Paulo: Alexa Cultural e Manaus - EDUA/UFAM, 2019.

¹⁴JUSTAMAND, M.; OLIVEIRA, G. F.; BELARMINO, V. S. Representações de guerra nas pinturas rupestres da Serra da Capivara, PI, Brasil. *Anuario de Arqueología*, v. 9, p. 39-52, 2017.

¹⁵JUSTAMAND, M. As comunicações e as relações sociais nas pinturas rupestres. *Anuario de Arqueología*, v. 1, p. 51-65, 2015.

¹⁶MARTIN, Gabriela. Amor, violência e solidariedade no testemunho da arte rupestre brasileira. *Revista Clio do Mestrado em História da UFPE*. Recife: EDUFPE, 1984. Ver também: COLLING, L.; JUSTAMAND, M.; GOMES FILHO, A. dos S.; OLIVEIRA, G. F. de. Questões queer para analisar os registros rupestres com cenas que sugerem práticas sexuais na Serra da Capivara. *Revista de Arqueologia (Sociedade de Arqueologia Brasileira. Impresso)*, v. 32, p. 24-41, 2019.

1. Vestígios contam histórias

No PNSC, parece-nos que foi construída uma parte significativa da história mais antiga do país. Fundada por muitas histórias pessoais e grupais compondo nossos saberes e heranças ancestrais, muitos deles repassados de geração em geração e sendo aproveitados até hoje. Essas exegeses começam a ser contadas muito antes de 1500¹⁷. Evidentemente, há, também, outros vestígios espalhados pelo país confirmando a composição da nossa, longa, história em comum.

Os vestígios deixados desde tempos imemoriais encontrados nas terras brasileiras são de grande seriedade social para todos e, portanto, conservá-los é de interesse nacional. Sendo assim, não se trata apenas de uma questão de desejo de uma pequena parte de pesquisadores que têm neles seus objetos de estudo. Conservar o patrimônio arqueológico é, antes de tudo, uma questão política¹⁸, ética, moral e de respeito histórico com os primeiros habitantes e seus descendentes sendo, inclusive, previsto – o ato de conservar – nas últimas considerações internacionais dos direitos dos povos indígenas e a preservação dos seus conhecimentos, culturas e tradições, como a Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas, adotada a partir de 13 de dezembro de 2007¹⁹.

Fica previsto nesta declaração, por exemplo, em suas considerações iniciais, que se deve respeito aos conhecimentos tradicionais, às culturas, às práticas e que esses aspectos sociais são uma contribuição ao desenvolvimento de todos no mundo. Afirma, ainda, em seu artigo oitavo, que os povos indígenas têm o direito de não sofrer assimilação forçada e/ou destruição de suas culturas.

¹⁷ GOMES FILHO, Antoniel dos Santos e JUSTAMAND, Michel. Registros rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara-Piauí: breves reflexões sobre a pesquisa antropológica na educação e suas perspectivas interdisciplinares. *Ciência e Sustentabilidade – CeS*. Juazeiro do Norte, v. 4, n.1, p. 39-56, jan/jun 2018.

¹⁸ FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. Os desafios da destruição e conservação do patrimônio cultural do Brasil. In: FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. *Arqueologia e Patrimônio*. Erechim: Habilis, 2007, p. 59.

¹⁹ DECLARAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS. In: *Direitos dos povos indígenas*. OELA, Unicef, COIAB. Assembleia Geral da ONU, 13 de dezembro de 2007.

Já no artigo décimo primeiro, é tratada a situação dos vestígios arqueológicos, alvo e objeto principal deste artigo. E explica que os povos indígenas, ocupantes de locais com esse tipo de vestígio, têm o direito de manter, proteger e desenvolver as manifestações passadas, presentes e futuras de suas culturas, uma vez que os sítios são seus vestígios. Têm, portanto, direito a manter vivos para contarem e recontarem a sua história, conhecerem seus utensílios, desenhos, cerimoniais, tecnologias, artes visuais e, dessa forma, permitir que outros estudiosos (pesquisadores e outros interessados) também interpretem, conheçam e analisem as suas importantes heranças ancestrais.

Os povos indígenas, de todo o mundo, ainda têm o direito de manifestar, praticar, desenvolver e ensinar suas tradições, costumes e cerimoniais espirituais e religiosos sendo alguns desses aspectos criados e mantidos há milhares de anos. Por esses motivos, é de primordial importância a manutenção das pinturas rupestres, como patrimônios imemoriais dos grupos que viveram em *terras brasilis*²⁰.

Nos locais, em todo o território nacional, onde há uma grande incidência de pinturas, algumas vezes são feitos rituais ainda hoje por esses povos²¹. Ou seja, para muitos grupos, os sítios com pinturas rupestres são tidos como sagrados. Não é o caso, porém, do PNSC; ali não há, declaradamente, a presença indígena. Mas sabemos que existem e se fazem presentes, seus descendentes nas lutas e resistências em nome de outra possível contagem da história.

Esperamos colaborar para que esses direitos dos povos indígenas sejam obedecidos, respeitados e os vestígios mais antigos da presença humana, nas terras hoje chamadas de Brasil, tenham o seu devido lugar reconhecidos na Cultura Nacional. Somos contra a

²⁰JUSTAMAND, Michel. Contribuições artísticas e socioculturais dos povos originários, as pinturas rupestres. SOMANLU – Revista de Estudos Amazônicos, ano 16, n. 1, jan./jul., p. 06-27, 2016.

²¹TUYUKA, Poani Higino Tenório e VALLE, Raoni Bernardo Maranhão. ʘTÁ WORÍ – Um diálogo entre conhecimento Tuyuka e arqueologia rupestre no baixo Rio Negro, Amazonas, Brasil. Revista Tellus, Campo Grande, MS, ano 19, n. 39, p. 17-37, maio/ago, 2019.

permanência do ostracismo dos grandes manuais didáticos, como já afirmamos antes²², que escondem as “vozes” originais inscritas na terra desde os tempos ancestrais.

2. Cultura em efervescência

Pesquisas substanciais e inúmeros autores, apontam que houve uma grande revolução cultural, social e artística há mais ou menos 40 mil anos que propiciou alterações em nossos organismos sociais e biológicos, segundo diversos autores e pesquisas²³. Assim, as nossas mentes e mãos produziram, a partir de então, objetos, ferramentas e artes nunca imaginados antes²⁴ e, por meio desses utensílios, nossos ancestrais deixaram inúmeros vestígios, sendo um deles a pintura rupestre. Busca-se tentar entender a nossa diversidade enquanto seres humanos a partir da organização do espaço que usa. Uma vez que é impossível acessar os autores, a análise das pinturas e a administração desses espaços pode contribuir para esse entendimento²⁵.

Para Eder Sader, quando escreve sobre os historiadores, assinala que em seus pontos de vista e ações como produtores de conhecimento se faz necessário rever a legitimidade dos temas, contatos e abordados por esses “atores” sociais. Os historiadores, não têm toda a legitimidade social que, muitas vezes, lhes é conferida como sendo os portadores das “vozes” de uma verdade incontestável. É preciso modificar o modo de ver o passado. Em especial como é contado e recontado, tornando latente a necessidade de se desvendar e desnudar as realidades ofuscadas pelo discurso vencedor. Para os “vencidos”, se faz urgente dar voz e vez, proporcionando condições para que outras/os apresentem suas

²²JUSTAMAND, Michel. As pinturas rupestres nos livros didáticos de História. Francisco Morato: Margê, 2006. Comunicar e educar, 2012.

²³Ver: <https://brasil.elpais.com/ciencia/2021-01-14/javali-pintado-ha-45500-anos-e-a-obra-de-arte-figurativa-mais-antiga-do-mundo.html>

²⁴KLEIN, Richard G. & EDGAR, Blake. O despertar da cultura. Trad. Ana Lúcia Vieira de Andrade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p. 224.

²⁵BASTOS, Solange. O paraíso é no Piauí. A descoberta da arqueóloga Niède Guidon. Rio de Janeiro: Família Bastos, 2010, p. 261.

palavras e descrevam seus saberes²⁶. Logo, nosso objetivo nesses escritos é buscar dar voz e vez aos esquecidos, principalmente às mulheres, que muitas vezes são ignoradas nas alocações da História, principalmente, e no caso em tela, da mais antiga e ancestral²⁷.

Haveria, sim, outro passado a ser revelado e mostrado para a maioria da população mundial²⁸. As cenas de pinturas rupestres, em suas muitas representações, sendo as de antropomorfos femininos, um dos tipos, apresenta inferências a serem construídas de quem foi vencido, esquecido, abandonado, excluído. Tais relatos foram há muito tempo encobertos, todavia muitos se encontram plasmados, em nossas origens e memórias ancestrais, nas rochas do país, e no estado do Piauí.

3. Historiando o cotidiano, as pinturas e suas funções

Por que então estudar em História Social os afazeres cotidianos das mulheres de muito antes de 1500? Tentaremos responder à questão com argumentos baseados na proposta de Yvone Dias Avelino²⁹, em que o historiador se faz na caça do que lhe é cotidiano, mas não transforma o cotidiano em sua História, ou em seu benefício. Afirma, ainda, que um acontecimento somente tem sentido histórico quando ocorre em série e quando tais séries são indefinidas. É como ocorre com as pinturas rupestres que compõem séries,

²⁶SADER, Eder. Sobre classes populares no pensamento sociológico brasileiro (notas sobre acontecimentos recentes). In: CARDOSO, Ruth (org.). *Aventura antropológica. Teoria e pesquisa*. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 55/64.

²⁷JUSTAMAND, Michel. *A mulher rupestre. Representações do feminino nas cenas rupestres de São Raimundo Nonato – Piauí*. Embu das Artes: Alexa Cultural, 2014.

²⁸JUSTAMAND, Michel. As “mulheres” de São Raimundo Nonato – PI: cenas rupestres do feminino. In: JUSTAMAND, Michel e MENDES, Lilian Marta Grisolio (org.). *História e representações: cultura, política e gênero*. Embu das Artes: 2012, p. 87.

²⁹AVELINO, Yvone Dias & FLÓRIO, Marcelo. *Polifonias da cidade: memória, arte e cidade*. São Paulo: D’Escrever, 2009, p. 291.

tendo uma dentro da outra, representadas pelas tradições rupestres e suas subtradições. Como já analisamos antes³⁰.

A História não se debruça na originalidade dos acontecimentos, mas antes de tudo em suas especificidades³¹. As pinturas rupestres do PNSC dão ênfase às cenas representativas mais variadas, como citadas acima, tendo as femininas nossa atenção nas próximas linhas. Nelas, são mostrados partos, amamentações, sexo e danças³², cuidados com a família³³.

Avelino salienta, ainda, que a escolha dos acontecimentos e/ou documentos é uma questão de cada historiador. Lembra que a História é, na verdade, um caleidoscópio em que se faz necessário a reflexão crítica notadamente nas entrelinhas³⁴.

Enquanto que Marc Augé sugere uma definição de História, que interessa aos nossos postulados, como sendo a recuperação do passado no presente³⁵. É esse o objetivo que se visa com a apresentação das cenas rupestres, em especial, as cenas com a presença do feminino: recuperar esse passado vivido há milhares de anos no solo piauiense em suas atribulações, especificidades, mas também o que pode servir de exemplo para a nossa sociedade atual.

Todos os grupos humanos, em qualquer época ou locais, ambicionaram exprimir em suas formas o tempo³⁶. Todos os grupos procuraram mostrar suas histórias para si mesmos e

³⁰JUSTAMAND, Michel; MARTINELLI, Suely Amâncio; OLIVEIRA, Gabriel Frechiani de; SILVA, Soraia Dias de Brito e. A arte rupestre em perspectiva histórica: uma história escrita nas rochas. Rev. Arqueologia Pública Campinas, SP v.11 n.1 p.130-172, julho/2017.

³¹AVELINO, Yvone Dias & FLÓRIO, Marcelo. Polifonias da cidade: memória, arte e cidade. São Paulo: D'Escrever, 2009, p. 291.

³²JUSTAMAND, Michel. O Brasil desconhecido: as pinturas rupestres de São Raimundo Nonato – Piauí. Rio de Janeiro: Achiamé, 2010, p. 53 a 100.

³³IDEM, p. 94.

³⁴AVELINO, Yvone Dias & FLÓRIO, Marcelo. Polifonias da cidade: memória, arte e cidade. São Paulo: D'Escrever, 2009, p. 291.

³⁵AUGÉ, Marc. El oficio de antropólogo. Sentido y libertad. Trad. Iñaki Ogallar. Barcelona: Gedisa, 2007, p. 14.

³⁶IDEM, ibidem, p. 19.

para outras/os. Manifestando os seus eventos mais significativos e do meio em que viveram³⁷. Deixavam testemunhos de suas gerações para as próximas.

Justificam-se, ainda, tais estudos históricos porque existem hoje muitas pesquisas e interesses pelas múltiplas artes indígenas³⁸. Esses interesses estão dispostos a mostrar um reconhecimento desta arte ancestral. Mais do que isso, o reconhecimento da continuidade das feitas muito tempo antes e que as produções ancestrais e/ou atuais sejam reconhecidas dentro dos padrões, conhecidos, como artísticos. Por outro lado, por que afinal não seriam? Somente se for por discriminação étnica e cultural, algo que somos contrários. Nós nos opomos a quaisquer que sejam os motivos.

Os mencionados povos criaram e reinventavam suas, aos nossos olhos, obras de arte portadoras de relevante especificidade histórica e cultural³⁹. Produções baseadas nos vestígios arqueológicos, tendo nas pinturas rupestres uma das influências para suas obras. Muitos desses grupos produziram suas culturas em outros suportes, contudo há continuidades culturais observáveis em suas obras.

4. A luta feminina e suas representações rupestres

Conforme citado acima, escolhemos como objeto de pesquisa as pinturas rupestres com cenas antropomórficas do feminino e suas interpretações culturais⁴⁰. Mas por que apresentar o feminino nas cenas rupestres? Por ser uma forma de apresentar e despertar nos olhos um outro contexto histórico, vemos modos de vida alternativos aos que conhecemos e concebemos para as relações entre os gêneros e, dessa forma, incorporar

³⁷JUSTAMAND, Michel. As “mulheres” de São Raimundo Nonato – PI: cenas rupestres do feminino. In: JUSTAMAND, Michel e MENDES, Lilian Marta Grisolio (org.). História e representações: cultura, política e gênero. Embu das Artes: 2012, p. 88.

³⁸CANEVACCI, Massimo. Antropologia da comunicação visual. Trad. Alba Olmi. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 180.

³⁹IDEM, ibidem.

⁴⁰ALARCÓN-JIMENES, Andrés; OLIVEIRA, Gabriel F. de; JUSTAMAND, Michel e FUNARI, Pedro Paulo A. Arqueologia do Feminino. A mulher não é só sexo na Serra da Capivara. O feminino nas pinturas rupestres em São Raimundo Nonato – PI. Embu das Artes: Alexa Cultural, 2017.

as críticas feitas ao longo da história das mulheres e de seu movimento social, tendo em vista melhorar as relações entre os gêneros, ao menos a nosso ver.

Outro motivo de tratar da questão da representatividade do feminino nas cenas rupestres é porque lutar pelos direitos dos abandonados (como as mulheres, os negros, os homossexuais – entre as diversas escolhas e opções sexuais, pelos direitos dos que são portadores de necessidades especiais e outros) é lutar por mais democracia, por mais aprofundados e ampliados compromissos em nome da maior igualdade de direitos⁴¹.

As lutas pelos direitos das mulheres dentro do movimento feminista também têm contribuído para um maior reconhecimento e uma melhor compreensão de que há mais resultados positivos nas relações baseadas no apoio mútuo⁴², ou seja, o apoio entre homens e mulheres que, para essa pesquisa, tem suas origens nas memórias ancestrais⁴³.

Lutar por melhores condições para as mulheres na sociedade e no mundo de hoje tem relação com um reexame de seus papéis em todos os âmbitos da vida, permitindo a revisão dos pressupostos, provavelmente, patriarcais assentados ainda atualmente em muitos locais. Relega-se uma parte considerável da população mundial à obscuridade social⁴⁴. Seria preciso rever resultados de pesquisas que mostram uma realidade distorcida da verdade, na qual as mulheres não tinham a devida participação social entre os grupos ancestrais⁴⁵.

Apresentar as cenas de mulheres nas pinturas rupestres é como resgatar outra forma de vida social de mais de 10 mil anos atrás, na qual as pessoas, homens e mulheres, viviam

⁴¹JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: JOHNSON, Richard; ESCOSTEGUY, Ana Carolina & SCHULMAN, Norma. O que é, afinal, estudos culturais? Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Porto Alegre: Autêntica, 2010, p. 14.

⁴²IDEM, *ibidem*.

⁴³JUSTAMAND, Michel. As pinturas rupestres do Brasil: memória e identidade ancestral. R. Mem., Tubarão, v. 1, n. 2, p. 118-141, jan./abr. 2014.

⁴⁴SCHULMANN, Norma. O Centre for Contemporary Cultural Studies da Universidade de Birmingham: uma história intelectual. IN: JOHNSON, Richard; ESCOSTEGUY, Ana Carolina & SCHULMAN, Norma. O que é, afinal, estudos culturais? Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Porto Alegre: Autentica, 2010, p. 212.

⁴⁵Evelyn Reed faz ao longo do seu livro a defesa das mulheres e suas contribuições para os grupos caçadores e coletores, mas que serviriam de exemplos tais ações para a vida nas sociedades atuais. In: REED, Evelyn. Sexo contra sexo, ou classe contra classe. Trad. Malu Maranhão e Elisabeth Marie. São Paulo: Versus, 1980.

outra rotina, ao que nos parece, mais igualitária nas suas rotinas e afazeres comuns. Nessas imagens impregnadas e empregadas, estão a nossa imaginação⁴⁶ e inventividade dos primeiros habitantes da *terra brasilis*.

Um motivo a ser identificado é que as mulheres foram e são detentoras de conhecimentos que os homens desconhecem⁴⁷ e/ou não sabem tão bem quanto. Por exemplo é o modo de vida dos Daribi, da Papua Nova Guiné⁴⁸. Lá as mulheres são as responsáveis por cozinhar para seus maridos e, também, responsável por outros afazeres. Quando solteiros, os homens devem buscar soluções para que possam se alimentar; caso contrário, ficarão sem mantimentos⁴⁹. Esse fato não tem raízes no machismo; é, ao contrário, demonstração de total dependência dos homens para com os conhecimentos acumulados durante milênios pelas mulheres e que precisam ser reconhecidos, admirados, apresentados e apreciados.

Depois dessa digressão a respeito da História, da Arqueologia e das pinturas rupestres, apresentamos a discussão de como aparecem o feminino e/ou as mulheres em algumas das cenas rupestres da região.

⁴⁶WULF, Christoph. Homo Pictor. Imaginação, ritual e aprendizado mimético no mundo globalizado. Trad. Vinicius Spricigo. São Paulo: Hedra, 2013, p. 24-5.

⁴⁷Richard Wrangham mostra em sua obra que os homens têm necessidade da relação com as mulheres mais que elas com os homens. Especialmente no capítulo A cozinheira casada, mostra que os as mulheres dominam a cozinha em várias sociedades ancestrais e/ou contemporâneas pequenas. Mostra também as relações econômicas de dependência dos homens em relação às mulheres. Aos homens ficaria relegada a questão da proteção do que se conseguiu para a produção alimentar do grupo. In: WRANGHAM, Richard. Pegando fogo: por que cozinhar nos tornou humanos. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

⁴⁸WAGNER, Roy. A invenção da cultura. Trad. Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2010, p. 51.

⁴⁹LÉVI-STRAUSS, Claude. As estruturas elementares do parentesco. Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 1982, p. 69 a 107.

5. Representações femininas nas cenas rupestres piauienses

As mulheres integrantes dos grupos primitivos, provavelmente, tiveram papel crucial na formação e no desenvolvimento do conhecimento ancestral. Trabalhavam entre si e, também com os homens e o faziam em benefício de todos⁵⁰ e dividiam o resultado dos trabalhos em uma base igualitária⁵¹. Nas pinturas rupestres do PNSC, existem cenas rupestres de “mulheres” aparentando gravidez, em posições de parto, parecendo amamentar ou em relações de sexo (Fig. 1). Existem, também, cenas de danças que podem ser remetidas à coparticipação dos gêneros⁵², visto que as cenas de dança, em sua maioria, não apresentam as genitálias dos partícipes. Há, ainda, indícios etnológicos de que algumas cenas de humanos dançando são representações das mulheres indígenas em um ritual e ou cerimonial, como se faz ainda hoje⁵³.

⁵⁰JUSTAMAND, Michel. As “mulheres” de São Raimundo Nonato – PI: cenas rupestres do feminino. In: JUSTAMAND, Michel e MENDES, Lilian Marta Grisolio (org.). História e representações: cultura, política e gênero. Embu das Artes: 2012, p. 91.

⁵¹REED, Evelyn. Sexo contra sexo ou classe contra classe. Trad. Malú Maranhão e Elisabeth Marie. São Paulo: Versus, 1980, p. 10.

⁵²Gênero pode ser definido como aquilo que identifica e diferencia os homens e as mulheres, ou seja, o gênero masculino e o gênero feminino. De acordo com a definição “tradicional” de gênero, este pode ser usado como sinônimo de “sexo”, referindo-se ao que é próprio do sexo masculino, assim como do sexo feminino. No entanto, a partir do ponto de vista das ciências sociais e da psicologia, principalmente, o gênero é entendido como aquilo que diferencia socialmente as pessoas, levando em consideração os padrões histórico-culturais atribuídos para os homens e mulheres. Por ser um papel social, o gênero pode ser construído e desconstruído, ou seja, pode ser entendido como algo mutável e não limitado, como define as ciências biológicas. Ver mais: <https://www.significados.com.br/genero/>

⁵³BASTOS, Solange. O paraíso é no Piauí. A descoberta da arqueóloga Niède Guidon. Rio de Janeiro: Família Bastos, 2010, p. 64-5.

Figura 01 – Toca do Baixão da Vaca, Serra da Capivara, Parque Nacional Serra da Capivara – PI.



Cena de sexo com mulher grávida.

Parece-nos que as mulheres tinham papéis sociais na religiosidade e na vida cotidiana. Segundo Simone de Beauvoir, causavam nos homens primitivos uma veneração que se misturava ao receio que se refletia nos seus cultos. A mulher encarnava, para o homem, o aspecto desigual da natureza. Os filhos vinham-lhe como presentes sobrenaturais. Os enigmáticos fluxos do corpo da mulher consentiram em trazer a este mundo os tesouros que jaziam no fundo das nascentes da vida. Por isso, as figuras de “mulher” da época das cavernas eram usadas como objetos de culto e magia. Elas não representavam pessoas, mas personificavam mistérios⁵⁴, apud Justamand⁵⁵.

Entretanto, a essas mulheres se deu pouco valor, tanto que elas pouco aparecem nas pinturas rupestres do PNSC. Nas cenas de partos e de sexo, contudo, suas imagens transmitem sensações como respeito e temor⁵⁶ (Fig. 2). Além disso, é preciso lembrar que

⁵⁴BEAUVOIR, Simone de. Apud WENDT, Herbert. A procura de Adão. Trad. João Távora São Paulo: Melhoramentos, s/data, p. 266/283-4.

⁵⁵JUSTAMAND, Michel. O Brasil desconhecido: as pinturas rupestres de São Raimundo Nonato – Piauí. Rio de Janeiro: Achiamé, 2010, p. 93.

⁵⁶JUSTAMAND, Michel. O feminino rupestre em São Raimundo Nonato (Piauí): muito antes de 1500. Revista EDUCAmazônia - Educação Sociedade e Meio Ambiente, Humaitá, Ano 5, vol VIII, jan-jun, Pág. 121-135, 2012-1.

nem sempre é possível determinar o gênero das figuras, pois muitas vezes, os genitais não eram pintados, como já mencionado acima.

Figura 02 - Toca da Chapada dos Cruz, Cena do Parto.



(Serra da Capivara).

Pelo motivo de disporem da “responsabilidade” materna (Fig. 3), as mulheres, ao contrário do que muito se escreve, eram investidas de poder e prestígio nas comunidades primitivas. A maternidade não era vista como um momento de sofrimento ou que simbolizava a inferioridade do gênero⁵⁷. Tinham papel importante no seio das sociedades primitivas, impedindo a tirania sociocultural ou econômica dentro dos grupos⁵⁸.

⁵⁷REED, Evelyn. *Sexo contra sexo ou classe contra classe*. Trad. Malú Maranhão e Elisabeth Marie. São Paulo: Versus, 1980, p. 34.

⁵⁸JUSTAMAND, Michel. *O Brasil desconhecido: as pinturas rupestres de São Raimundo Nonato – Piauí*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2010, p. 94.

Figura 03 – Toca da Pedra Preta I, Serra Branca, Parque Nacional da Serra da Capivara – PI.



Cena de cuidados familiares.

Carleton Coon listou afazeres específicos das mulheres, como cozinhar, conservar a família aquecida, gerar fibras para a confecção de cestos, curar doenças, aliviar dores e usar o carvão⁵⁹. Há, ainda, inúmeros afazeres feitos pelas mulheres registrados na história humana, sendo alguns deles descritos por Jean Auel em seus romances que versam sobre a pré-história da Europa, mas que podem ser, por analogia, os mesmos em *terras brasilis*⁶⁰. Ainda assim, o papel das mulheres iria muito além desses domésticos listados por Coon, tinham realmente outra condição de vida diferente da que, aparentemente, têm as suas representantes atualmente, ao menos em sua maioria.

Provavelmente, as representantes femininas desenvolveram o conhecimento da vida local sendo responsáveis, indiretamente, pela domesticação dos animais⁶¹. Também contribuíram com a alimentação e proporcionaram a base alimentar de muitos grupos⁶², obtendo por meio da coleta (Fig. 4), vegetais, raízes e frutos, que são fontes mais seguras do que a carne⁶³. As mulheres tinham no conhecimento do cozimento e da alimentação,

⁵⁹COON, Carleton S. A história do homem. Trad. Milton Amado. Belo Horizonte: Itatiaia, 1960, p. 107.

⁶⁰AUEL, Jean M. Ayla a filha das cavernas. Vol. 1 da saga Os filhos da Terra. Trad. Maria Thereza de Resende Costa. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2008.

⁶¹REED, Evelyn. Sexo contra sexo ou classe contra classe. Trad. Malú Maranhão e Elisabeth Marie. São Paulo: Versus, 1980, p. 36.

⁶²SAHLINS, Marshall. A primeira sociedade da afluência. In: CARVALHO, Edgard de Assis. (org.) Antropologia Econômica. São Paulo: Livraria editora Ciências Humanas, 1978.

⁶³JUSTAMAND, Michel. As “mulheres” de São Raimundo Nonato – PI: cenas rupestres do feminino. In: JUSTAMAND, Michel e MENDES, Lilian Marta Grisolio (org.). História e representações: cultura, política e gênero. Embu das Artes: 2012, p. 95.

que é algo muito restrito a elas⁶⁴, um potencial único para manter e conservar o grupo unido.

Figura 04 – Toca do Baixão da Vaca, Parque Nacional da Serra da Capivara – PI.



Cena da coleta do mel.

Herbert Wendt lembra que na Europa havia, pintados em vermelho sobre o fundo amarelo, homens correndo caçando com arcos e flechas; mulheres com saias em sino, dançando em volta de um boneco masculino; animais empinando-se enquanto flechas voavam na sua direção; ao lado de trilhas de animais de caça espreitava uma figura extremamente vigilante e tensa: o caçador com sua nova arma e maravilhosa, o arco flexível⁶⁵.

No PNSC, são frequentes as cenas de antropomorfos caçando e de animais sendo atingidos por lanças ou mesmo correndo em bandos⁶⁶. Não temos certeza de que todas as cenas retratam apenas homens caçando (Fig. 5). Parece-nos que as mulheres participavam

⁶⁴WRANGHAM, Richard. Pegando fogo: por que cozinhar nos tornou humanos. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

⁶⁵WENDT, Herbert. A procura de Adão. Trad. João Távora. São Paulo: Melhoramentos, s/data, p. 286/287.

⁶⁶JUSTAMAND, Michel Justamand; OLIVEIRA, Gabriel Frenchiani de Oliveira; ALMEIDA, Vitor José Rampaneli de Almeida; SANTOS JUNIOR, Valdeci dos; QUEIROZ, Albérico Nogueira de; SILVA, Vanessa Belarmino da; GOMES FILHO, Antoniel dos Santos. Os caçadores da pré-história nas pinturas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara – Piauí, Brasil. Revista Memória em Rede, Pelotas, v.12, n.23, Jul/Dez., p. 274-297, 2020.

ativamente das ações sociais em iguais condições aos homens. Além de desenvolverem e realizarem seus afazeres, elas os ajudavam em seus afazeres. Eram partícipes interagindo nos eventos cerimoniais exercendo, talvez, funções dentro dos rituais religiosos⁶⁷.

Figura 05 – Toca da Fumaça, Serra da Capivara, Parque Nacional da Serra da Capivara – PI.



Humano caçando.

A vida das primeiras habitantes brasileiras, provavelmente, era parecida com as mulheres de outros locais do mundo: arranjavam as refeições mantendo a história grupal, atuavam nas decisões dos grupos, compartilhavam das cerimônias religiosas, cultivavam relações sexuais e tinham seus filhos, renovando o grupo e multiplicando a espécie. Alguns desses aspectos sociais, culturais e íntimos foram plasmados nas rochas brasileiras⁶⁸, testemunhando o cotidiano ancestral⁶⁹.

⁶⁷Jean Auel descreve em suas obras uma série de afazeres das mulheres e suas ações em outra quantidade de afazeres que seriam supostamente feitos por homens, mas que as mulheres teriam contribuído: desde a caça até a domesticação dos pequenos animais. Até mesmo a participação nos cerimoniais e na preparação de remédios. AUEL, Jean M. Ayla a filha das cavernas. Vol. 1 da saga Os filhos da Terra. Trad. Maria Thereza de Resende Costa. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2008. Ver também: AUEL, Jean M. O vale dos cavalos. A saga emocionante de uma mulher que mudou o destino da humanidade. Trad. Maria Thereza de Resende Costa. Rio de Janeiro: Record, 1982. E ver ainda: AUEL, Jean M. Os caçadores de mamutes. Vol. II. A saga dos filhos da terra. Trad. Sophie Penberthy. Mem Martins: Publicações Europa-América, 2000.

⁶⁸JUSTAMAND, Michel. O Brasil desconhecido: as pinturas rupestres de São Raimundo Nonato – Piauí. Rio de Janeiro: Achiamé, 2010, p. 96.

⁶⁹MARTIN, Gabriela. Amor, violência e solidariedade no testemunho da arte rupestre brasileira. Revista Clio do Mestrado em História da UFPE. Recife: EDUFPE, s/data.

São recorrentes, nas pinturas rupestres do parque, o registro de cenas antropomorfas arrumadas com adornos nas cabeças⁷⁰. Há, ainda, cenas de representações humanas desrinchando animais, tirando-lhes o que podiam. Inúmeras são as cenas de caçadas, provavelmente, representando a carne que alimentaria o grupo⁷¹. Mas em poucas dessas cenas ou nenhuma delas está determinada o gênero. As mulheres teriam contribuído nas atividades do grupo, feito as suas e seus instrumentos⁷².

6. O gênero feminino faz a diferença

Friedman lembra que era possível que as mulheres, em terras hoje europeias, trabalhassem muito em suas tarefas diárias, domésticas, curativas, domesticando animais e/ou ainda coletando. Não havia tempo para ficar à toa⁷³. Para além de cozinhar, havia sempre muito serviço a executar. Peles de raposa deviam ser raspadas, amaciadas e cortadas como vestimenta⁷⁴. Corante vermelho mineral devia ser esmagado para encher os potes de carmim e dentes de raposa deviam ser enfiados como colares.

Entre os grupos Clóvis, nos EUA, as mulheres possivelmente indicavam quando era a hora de partir de um determinado local para outro. Estavam envolvidas com a administração e o abastecimento de suas residências diariamente. Então, tinham a noção da escassez perto

⁷⁰JUSTAMAND, Michel. As “mulheres” de São Raimundo Nonato – PI: cenas rupestres do feminino. In: JUSTAMAND, Michel e MENDES, Lilian Marta Grisolio (org.). História e representações: cultura, política e gênero. Embu das Artes: Alexa Cultural, 2012, p. 99.

⁷¹JUSTAMAND, Michel. O Brasil desconhecido: as pinturas rupestres de São Raimundo Nonato – Piauí. Rio de Janeiro: Achiamé, 2010, p. 96.

⁷²ADOVASIO, J. M.; SOFFER, Olga e PAGE, Jake. Sexo invisível: o verdadeiro papel da mulher na pré-história. Trad. Hermano de Freitas. Rio de Janeiro: Record, 2009, p. 240.

⁷³FRIEDMAN, Estelle. A formação do homem. Trad. Almira Guimarães. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1960, p. 95.

⁷⁴AUEL, Jean M. Ayla a filha das cavernas. Vol. 1 da saga Os filhos da Terra. Trad. Maria Thereza de Resende Costa. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2008.

dos locais onde habitavam naquele determinado momento e que seria necessária a busca cada vez mais longe para se conseguir lenha e/ou a alimentação⁷⁵.

Já em território brasileiro, as mulheres trabalhavam pelo grupo e tomavam parte ativamente da coletividade em que viviam, ao que nos parece. Como as mulheres de outros locais do mundo, em terras ameríndias não eram meros receptáculos dos desígnios naturais. Também não eram apenas mensageiras dos póstumos entes dos grupos, elas eram, sim, lutadoras, incentivadoras políticas e influenciadoras nessas sociedades⁷⁶.

7. Mutualismo ancestral

As diferenças entre os gêneros eram pequenas, parece-nos, mas determinava, de toda forma, quem ficava com as crianças e quem praticava as atividades externas por exemplo. Já a gravidez e a amamentação não tinham como negar a exclusividade feminina (Fig. 6). Assim, às mulheres cabia, em grande medida, a colheita de vegetais nutritivos e a captura de pequenos animais, além de cuidar do acampamento e do fogo. Aos homens, eram legadas as tarefas de caçar, proteger o grupo⁷⁷ e a realização dos cerimoniais.

Sabe-se que todos esses afazeres poderiam ter sido divididos, e/ou feitos em conjunto (menos, é claro, a amamentação natural e a gravidez), conforme atestam, por exemplo, pesquisas etnográficas com tribos dos EUA, onde existe uma flexibilidade em definir os papéis de gênero. Assim, os paleoíndios, de forma geral, em todo o continente americano, podem ter organizado seu cotidiano de modo indefinido a priori⁷⁸.

⁷⁵ADOVASIO, J. M.; SOFFER, Olga e PAGE, Jake. Sexo invisível: o verdadeiro papel da mulher na pré-história. Trad. Hermano de Freitas. Rio de Janeiro: Record, 2009, p. 235.

⁷⁶JUSTAMAND, Michel. O Brasil desconhecido: as pinturas rupestres de São Raimundo Nonato – Piauí. Rio de Janeiro: Achiamé, 2010, p. 97.

⁷⁷NARR, K. J. Contribuições da pré-história para o conhecimento da natureza humana. In: GADAMER, H. G. e VOGLER, P. Nova Antropologia: o homem em sua existência biológica, social e cultural. Coord. Egon Schaden. São Paulo: EPU-USP, 1977, p. 21.

⁷⁸ADOVASIO, J. M.; SOFFER, Olga e PAGE, Jake. Sexo invisível: o verdadeiro papel da mulher na pré-história. Trad. Hermano de Freitas. Rio de Janeiro: Record, 2009, p. 237.

Figura 06 – Toca do Baixão do Perna V. Cena de amamentação.

(Serra Talhada)

Os fatores determinantes para que as mulheres ficassem em “casa” não impediram que desenvolvessem um aspecto muito importante para a vida dos grupos: a domesticação de animais, que ocorreu graças, provavelmente, a relação próxima em seus habitats com os pequenos animais. Acrescenta-se a isso os instintos maternos, carinhos transmitidos e as crianças entrarem em contato com os filhotes perto dos acampamentos. Enquanto brincavam criavam o interesse dos animais pelas comidas fáceis dos grupos ancestrais a disposição. Outra hipótese seria a de que os pequenos animais que teriam acompanhando os homens⁷⁹ ou as mulheres, no retorno de seus afazeres, aventuras e passeios.

As meninas, nas sociedades primitivas, provavelmente, tornavam-se mulheres na primeira menstruação. A própria índole humana desvendava-lhes seu amadurecimento, enquanto para os homens eram imprescindíveis cerimoniais, ritos e mitos. Para formar-se mulher, elas mesmas dissimulavam com a sua própria natureza. Dessa forma, concediam-se às mulheres os nascimentos e as garantias iniciais de nutrição a todos⁸⁰.

No PNSC, algumas representações femininas foram feitas em tamanhos maiores que a dos homens, o que mostrava, talvez, uma grande valorização do gênero feminino nessas sociedades, como ocorreu na cena do parto algumas páginas atrás. As mulheres, as árvores e os animais eram responsáveis pela multiplicação, pela sobrevivência da espécie.

⁷⁹REED, Evelyn. *Sexo contra sexo ou classe contra classe*. Trad. Malú Maranhão e Elisabeth Marie. São Paulo: Versus, 1980, p. 36-7.

⁸⁰CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990, p. 87.

Assim, tinham, ao que tudo indica, respeito dentro das comunidades chamadas, preconceituosamente, primitiva⁸¹. Além de serem responsáveis, muitas vezes e diretamente, pela sobrevivência do grupo, colaboravam na coleta, na conservação e preparo dos alimentos, bem como no desenvolvimento de técnicas de curtume e conservação de peles⁸².

Nas pinturas rupestres do Piauí, a indicação da genitália masculina ocorria de formas diferentes das femininas e em outras posições⁸³. Para a genitália feminina, os artistas usavam um semicírculo ou um círculo, mas raramente era apresentado, o comum era aparecer o ventre de forma proeminente, como no caso das grávidas⁸⁴.

Os Iroqueses, grupo indígena Canadense, exemplificam a importância das mulheres para todos os grupos ancestrais. Para eles, não considerar os conselhos femininos era uma ofensa. Elas eram reconhecidas como as donas da terra e responsáveis pela geração da vida de todos, por isso eram veneradas⁸⁵.

Embora a educação, no geral, ficasse a cargo das mulheres, o ensino da caça cabia aos homens. O ato de caçar era educativo, pois propiciava um ótimo exercício para o corpo e a mente. Caçar estimulava cooperação, autocontrole, agressividade, engenhosidade, invenções, entre outros aspectos da sabedoria humana. Caçar, possivelmente, foi uma escola, um modo de aprender, colaborando para a formação dos grupos humanos⁸⁶. Já Jean Auel⁸⁷ indica que as mulheres foram caçadoras e participaram das investidas em

⁸¹COSTA, Zozilena de Fátima Fróz. Uma inscrição de mundo a flor da pedra: os processos de comunicação dos povos pré-históricos através da pintura do Parque Nacional da Serra da Capivara (PARNA), Piauí – Brasil. Tese (doutorado em Comunicação e Semiótica) PUC-SP, 2003, p. 167.

⁸²REED, Evelyn. Sexo contra sexo ou classe contra classe. Trad. Malú Maranhão e Elisabeth Marie. São Paulo: Versus, 1980, p. 43.

⁸³JUSTAMAND, Michel e FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. Representações da sexualidade e dos falos: nas cenas rupestres de São Raimundo Nonato – Piauí muito antes de 1500. Revista Sodebrás. Vol. 9, n. 99, março de 2014.

⁸⁴MONZON, Susana. A representação humana na arte rupestre do PI: comparações com outras áreas. Revista do Museu Paulista. Nova série, vol. XXVIII. São Paulo: EDUSP 1981/82, p. 402.

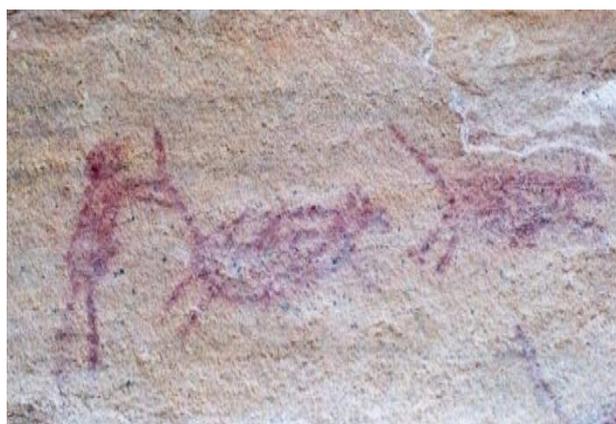
⁸⁵REED, Evelyn. Sexo contra sexo ou classe contra classe. Trad. Malú Maranhão e Elisabeth Marie. São Paulo: Versus, 1980, p. 67.

⁸⁶IDEM, ibidem, p. 43.

⁸⁷AUEL, Jean M. Os caçadores de mamutes. Vol. II. A saga dos filhos da terra. Trad. Sophie Penberthy. Mem Martins: Publicações Europa-América, 2000. Ver também: AUDEL, Jean M. O vale dos cavalos. A saga emocionante de uma mulher que mudou o destino da humanidade. Trad. Maria Thereza de Resende Costa. Rio de Janeiro: Record, 1982.

busca de subsídios proteicos, como nos mostram algumas pesquisas etnográficas⁸⁸. Conforme apontam Adovasio/Soffer e Page, as caçadas tiveram a contribuição feminina em muitos grupos⁸⁹ (Fig. 7).

Figura 07 – Toca do Alto do Fundo da Pedra Furada, Serra da Capivara,



Parque Nacional da Serra da Capivara – PI. Cena de caça.

Considerando finalmente

A maior busca, nesse artigo, foi oferecer uma decifração do mundo ancestral no que diz respeito ao mundo das relações entre o feminino e o masculino nas representações rupestres. É preciso desfazer as noções de fronteiras, de periferia e de centro⁹⁰, além de dar importância a cada local para a formação da ciência mundial; propondo, com essa assertiva, que, desde tempos imemoriais, temos conexões intelectuais entre os mais diversos e diferentes locais do mundo.

⁸⁸SILVERWOOD-COPE, Peter. Os Makú. Povo caçador do nordeste da Amazônia. Brasília: UNB, 1990, p. 48 a 52.

⁸⁹ADOVASIO, J. M.; SOFFER, Olga e PAGE, Jake. Sexo invisível: o verdadeiro papel da mulher na pré-história. Trad. Hermano de Freitas. Rio de Janeiro: Record, 2009, p. 240.

⁹⁰AUGÉ, Marc. Por uma antropologia da mobilidade. Trad. Bruno César Cavalcanti e Rachel Rocha de A. Barros. Maceió: EDUFAL, 2010, p. 84.

Está mais do que na hora de aceitar outros escritos, pensares, olhares, formas de ver as ciências: sociais, humanas, exatas e biológicas. A interdisciplinaridade é chave de saída para as novas e futuras reflexões analíticas.

Outras formas de ver precisam ser aceitas, combinadas e recombinadas. Procuramos, nesse artigo, divergir das posturas preconceituosas sobre quem sabe e quem não sabe, quem faz ciência, por que e onde. Debateremos com as mais diversas formas literárias para ajudar a pensar sobre a ancestralidade, por exemplo. Valemo-nos de etnografias para comparar vestígios imemoriais e à ocorridos mais presentemente.

As pinturas rupestres do Piauí contribuem para a decifração do mundo de ontem e de hoje. Analisá-las podem fornecer ideias para ampliar e amplificar nossas análises e saberes sobre o mundo remoto. Mostrando que os grupos de antigamente que conviviam nas terras brasileiras tinham suas “vozes”, de alguma forma, e ao menos em parte, plasmadas nas rochas. Registrando suas relações, histórias, fantasias, sonhos e temores.

As mulheres de muito antes de 1500 foram lutadoras e fizeram a diferença dentro de seus grupos. Partilharam, colaboraram, cooperaram e desempenharam um papel importante nos grupos de caçadores e coletores. Foram de fundamental importância nas caçadas, coletas, andanças, administração social e educação de seus entes queridos.

Buscamos entender a vida dos primeiros habitantes do país, em especial os detalhes explicativos e relacionados às mulheres. Esperamos que esses detalhes possam ser exemplos para a vida atual para pensarmos, enquanto sociedade, em políticas sociais que sejam mais contundentes voltadas às mulheres. É possível examinar a criatividade dos nossos ancestrais e, a partir daí, encontrarmos detalhes úteis em nossas culturas de hoje⁹¹.

⁹¹WAGNER, Roy. A invenção da cultura. Trad. Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2010, p. 208.

A presença feminina nas cenas rupestres com suas participações sociais não era fortuita e tinha, sim, motivo. Era graças ao respeito, lembrado por algumas tribos, que, provavelmente, onde contribuíram efetivamente para a manutenção da vida em grupo.

Vivemos em uma sociedade em que o ato de apagar mulheres e seus feitos ao longo da história se tornou um (terrível) padrão. Ressaltamos aqui o apagamento que sofreu ao longo de muitos anos a autora do primeiro livro de cunho abolicionista a ser escrito e publicado no Brasil, no século XIX, mulher negra e que lutava pela libertação dos escravos, Maria Firmina dos Reis teve seus escritos apagados em um movimento muito bem pensado e articulado por grupos de poder, aos quais não interessa que nós, homens e mulheres que lutam e buscam por deveres e direitos iguais a todos e todas, soubéssemos, porque saber que mulheres, como Maria Firmina, ou como mulheres que habitaram e circularam pelo território que hoje chamamos de Brasil, tinham e continuam tendo um papel importante em nossa história, em nossas construções sociais e culturais, põe em emergência a necessidade de lutar pela emancipação de todos e todas que continuam sendo diminuídos e tendo seus direitos negligenciados.

Temos como certo que esse é papel de nossas pesquisas acadêmicas revelar cada vez mais modos de vidas, sujeitos históricos, relações que nos auxiliem a entender melhor a sociedade humana. Buscamos, por intermédio das pinturas rupestres e suas representações do feminino, derrubar os preconceitos contra as mulheres, que apesar dos caminhos da história, ainda persistem. O potencial das contribuições das mulheres ancestrais está demonstrado, ao menos, uma parte. Torcemos para que sejam reverberados hoje. Se esse estudo colaborar nessa luta, já será uma grande conquista!

Referências

ADOVASIO, J. M.; SOFFER, Olga e PAGE, Jake. **Sexo invisível: o verdadeiro papel da mulher na pré-história**. Trad. Hermano de Freitas. Rio de Janeiro: Record, 2009.

ALARCÓN-JIMENES, Andrés; OLIVEIRA, Gabriel F. de; JUSTAMAND, Michel e FUNARI, Pedro Paulo A. **Arqueologia do Feminino**. A mulher não é só sexo na Serra da Capivara. O feminino nas pinturas rupestres em São Raimundo Nonato – PI. Embu das Artes: Alexa Cultural, 2017.

AUEL, Jean M. **Ayla a filha das cavernas**. Vol. 1 da saga Os filhos da Terra. Trad. Maria Thereza de Resende Costa. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2008.

_____. **O vale dos cavalos: A saga emocionante de uma mulher que mudou o destino da humanidade**. Trad. Maria Thereza de Resende Costa. Rio de Janeiro: Record, 1982.

_____. **Os caçadores de mamutes**. Vol. II. A saga dos filhos da terra. Trad. Sophie Penberthy. Mem Martins: Publicações Europa-América, 2000.

AUGÉ, Marc. **El oficio de antropólogo**. Sentido y libertad. Trad. Iñaki Ogallar. Barcelona: Gedisa, 2007.

_____. **Por uma antropologia da mobilidade**. Trad. Bruno César Cavalcanti e Rachel Rocha de A. Barros. Maceió: edUFAL, 2010.

AVELINO, Yvone Dias & FLÓRIO, Marcelo. **Polifonias da cidade: memória, arte e cidade**. São Paulo: D'Escrever, 2009.

BASTOS, Solange. **O paraíso é no Piauí: A descoberta da arqueóloga Niède Guidon**. Rio de Janeiro: Família Bastos, 2010.

BEAUVOIR, Simone de. Apud WENDT, Herbert. **A procura de Adão**. Trad. João Távora São Paulo: Melhoramentos, s/data.

BUCO, Cristiane de Andrade; OLIVEIRA, Gabriel Frechiani de; JUSTAMAND, Michel; ALMEIDA, Vitor José Rampaneli de; GOMES FILHO, Antoniel dos Santos; BELARMINO, Vanessa da Silva. O papel das mulheres ancestrais nas pinturas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara-PI, Brasil. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.12, n.23, Jul/Dez. p. 245-273, 2020.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CANEVACCI, Massimo. **Antropologia da comunicação visual**. Trad. Alba Olmi. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

COLLING, L.; JUSTAMAND, M.; GOMES FILHO, A. dos S.; OLIVEIRA, G. F. de. Questões queer para analisar os registros rupestres com cenas que sugerem práticas sexuais na Serra da

Capivara. **Revista de Arqueologia** (Sociedade de Arqueologia Brasileira. Impresso), v. 32, p. 24-41, 2019.

COON, Carleton S. **A história do homem**. Trad. Milton Amado. Belo Horizonte: Itatiaia, 1960.

COSTA, Zozilena de Fátima Fróz. **Uma inscrição de mundo a flor da pedra: os processos de comunicação dos povos pré-históricos através da pintura do Parque Nacional da Serra da Capivara (PARNA), Piauí – Brasil**. Tese (doutorado em Comunicação e Semiótica) PUC-SP, 2003.

DECLARAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS. In: Direitos dos povos indígenas. OELA, Unicef, COIAB. **Assembleia Geral da ONU**, 13 de dezembro de 2007.

FRIEDMAN, Estelle. **A formação do homem**. Trad. Almira Guimarães. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1960.

FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. Os desafios da destruição e conservação do patrimônio cultural do Brasil. In: FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. **Arqueologia e Patrimônio**. Erechim: Habilis, 2007.

GOMES FILHO, Antoniel dos Santos e JUSTAMAND, Michel. Registros rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara-Piauí: breves reflexões sobre a pesquisa antropológica na educação e suas perspectivas interdisciplinares. **Ciência e Sustentabilidade – C e S**. Juazeiro do Norte, v. 4, n.1, p. 39-56, jan/jun 2018.

GOSDEN, Chris. **Pré-história**. Trad. Janaína Marcoantonio. Porto Alegre: LPM, 2012.

JOHNSON, Richard; ESCOSTEGUY, Ana Carolina & SCHULMAN, Norma. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Porto Alegre: Autentica, 2010.

JUSTAMAND, Michel e FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. **Representações da sexualidade e dos falos: nas cenas rupestres de São Raimundo Nonato – Piauí muito antes de 1500**. Revista Sodebrás. Vol. 9, n. 99, março de 2014.

JUSTAMAND, Michel. **A mulher rupestre**. Representações do feminino nas cenas rupestres de São Raimundo Nonato – Piauí. Embu das Artes: Alexa Cultural, 2014.

_____. As comunicações e as relações sociais nas pinturas rupestres. **Anuario de Arqueología**, v. 1, p. 51-65, 2015.

_____. **As “mulheres” de São Raimundo Nonato – PI: cenas rupestres do feminino**. In: JUSTAMAND, Michel e MENDES, Lilian Marta Grisolio (org.). História e representações: cultura, política e gênero. Embu das Artes: Alexa Cultural, 2012.

_____. As mulheres ancestrais. Representações do feminino nas pinturas rupestres de São Raimundo Nonato – PI. SOMANLU – **Revista de Estudos Amazônicos**, ANO 18, nº 2, jul./dez., p. 67-84, 2018.

_____. As pinturas rupestres do Brasil: memória e identidade ancestral. **R. Mem.**, Tubarão, v. 1, n. 2, p. 118-141, jan./abr. 2014.

_____. **Comunicar e educar no território brasileiro:** uma relação milenar. Embu das Artes: Alexa Cultural, 2012.

_____. Contribuições artísticas e socioculturais dos povos originários, as pinturas rupestres. **SOMANLU** – Revista de Estudos Amazônicos, ano 16, n. 1, jan./jul., p. 06-27, 2016.

_____. **O Brasil desconhecido:** as pinturas rupestres de São Raimundo Nonato – PI. Rio de Janeiro: Achiamé, 2010.

_____. O feminino rupestre em São Raimundo Nonato (Piauí): muito antes de 1500. **Revista EDUCamazônia** - Educação Sociedade e Meio Ambiente, Humaitá, Ano 5, vol VIII, jan-jun, Pág. 121-135, 2012-1.

JUSTAMAND, Michel; MARTINELLI, Suely Amâncio; OLIVEIRA, Gabriel Frechiani de; SILVA, Soraia Dias de Brito e. A arte rupestre em perspectiva histórica: uma história escrita nas rochas. **Rev. Arqueologia Pública** Campinas, SP v.11 n.1 p.130-172, julho/2017.

JUSTAMAND, Michel Justamand; OLIVEIRA, Gabriel Frenchiani de Oliveira; ALMEIDA, Vitor José Rampaneli de Almeida; SANTOS JUNIOR, Valdeci dos; QUEIROZ, Albérico Nogueira de; SILVA, Vanessa Belarmino da; GOMES FILHO; Antoniel dos Santos. Os caçadores da pré-história nas pinturas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara – Piauí, Brasil. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.12, n.23, jul/dez., p. 274-297, 2020.

JUSTAMAND, M.; COLLING, L.; OLIVEIRA, G. F.; GOMES FILHO, A. S.; BELARMINO, V. S. Representações de relações sociais e sexuais entre pessoas do mesmo sexo nas cenas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara-Piauí. **Revista Nordestina de História do Brasil**, v. 1, p. 92-105, 2019.

JUSTAMAND, M.; OLIVEIRA, G. F.; BELARMINO, V. S. Representações de guerra nas pinturas rupestres da Serra da Capivara, PI, Brasil. **Anuario de Arqueología**, v. 9, p. 39-52, 2017.

KLEIN, Richard G. & EDGAR, Blake. **O despertar da cultura**. Trad. Ana Lúcia Vieira de Andrade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 1982.

MARTIN, Gabriela. Amor, violência e solidariedade no testemunho da arte rupestre brasileira. **Revista Clio do Mestrado em História da UFPE**. Recife: EDUFPE, s/data.

MONZON, Susana. **A representação humana na arte rupestre do PI:** comparações com outras áreas. Revista do Museu Paulista. Nova série, vol. XXVIII. São Paulo: EDUSP 1981/82.

NARR, K. J. **Contribuições da pré-história para o conhecimento da natureza humana.** In: GADAMER, H. G. e VOGLER, P. *Nova Antropologia: o homem em sua existência biológica, social e cultural.* Coord. EgonSchaden. São Paulo: EPU-USP, 1977.

OLIVEIRA, Gabriel F. e JUSTAMAND, Michel. Reflexões acerca da arte rupestre no Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí, Brasil: reminiscências de uma história da tradição nordeste de pinturas rupestres. **Revista Atek Na**, vol. 5, p. 125-147, 2015.

OLIVEIRA, Gabriel; JUSTAMAND, Michel e FUNARI, Pedro Paulo A. **Uma história do povoamento do continente americano pelos seres humanos: A odisseia dos primeiros habitantes do Piauí.** São Paulo: Alexa Cultural, Manaus: EDUA, 2019.

PAIVA, Leandro. **Luta corporal na pré-história: Ensaio antropológico e histórico.** 1. ed. São Paulo: Alexa Cultural e Manaus - EDUA/UFAM, 2019.

REED, Evelyn. **Sexo contra sexo ou classe contra classe.** Trad. Malú Maranhão e Elisabeth Marie. São Paulo: Versus, 1980.

SADER, Eder. Sobre classes populares no pensamento sociológico brasileiro (notas sobre acontecimentos recentes). In: CARDOSO, Ruth (org.). **Aventura antropológica: Teoria e pesquisa.** São Paulo: Paz e Terra, 2004.

SAHLINS, Marshall. A primeira sociedade da afluência. In: CARVALHO, Edgard de Assis. (org.) **Antropologia Econômica.** São Paulo: Livraria editora Ciências Humanas, 1978.

SILVERWOOD-COPE, Peter. **Os Makú: Povo caçador do nordeste da Amazônia.** Brasília: UNB, 1990.

TUYUKA, Poani Higino Tenório e VALLE, Raoni Bernardo Maranhão. ʘTÁ WORÍ – Um diálogo entre conhecimento Tuyuka e arqueologia rupestre no baixo Rio Negro, Amazonas, Brasil. **Revista Tellus**, Campo Grande, MS, ano 19, n. 39, p. 17-37, maio/ago, 2019.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura.** Trad. Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

WENDT, Herbert. **A procura de Adão.** Trad. João Távora. São Paulo: Melhoramentos, s/data.

WRANGHAM, Richard. **Pegando fogo: por que cozinhar nos tornou humanos.** Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

WULF, Christoph. **Homo Pictor: Imaginação, ritual e aprendizado mimético no mundo globalizado.** Trad. Vinicius Spricigo. São Paulo: Hedra, 2013.

Recebido: 15.10.2021

Aprovado: 13.12.2021